

	CONTINENTE	AÇORES	MADEIRA
ocorrência	Res	-	-
categoria	VU	-	-

Taxonomia

Aves, Accipitriformes, Accipitridae.

Tipo de ocorrência

Residente.

Classificação

VULNERÁVEL – VU (D1)

Fundamentação: População reduzida (inferior a 1.000 indivíduos maduros).

Distribuição

A área de distribuição desta espécie é muito vasta, estendendo-se de um modo contínuo por grande parte do Holártico (del Hoyo *et al.* 1994). O açor distribui-se por uma área bastante grande em Portugal continental, a qual deverá ser superior àquela que é evidenciada no atlas de Rufino (1989) ou no Novo Atlas (ICN dados não publicados). Este facto deve-se à dificuldade da metodologia dos atlas em representar a dispersão real no terreno de algumas espécies, nomeadamente as aves florestais de comportamento mais discreto, devido à sua metodologia – poucas e curtas visitas às “quadrículas”, sem esforço especialmente dirigido a espécies deste tipo. No Centro e Norte do país a distribuição do açor é mais contínua da que vem representada nos atlas e tem uma população mais densa. A espécie também existe em largas áreas do Sul (Alentejo e serras algarvias), embora a sua presença aqui seja bastante mais dispersa, bem como a sua densidade (Palma *et al.* 1999a), encontrando-se ausente nas algumas regiões.

População

Tal como para grande parte das aves de rapina florestais do país, nunca se fez um censo específico e completo para esta espécie a nível nacional, com base em amostragem e metodologia apropriadas. A única estimativa existente é a de Palma *et al.* (1999a), a qual apontava para uma população de 200-300 casais, que se pensa estar em declínio, devido à destruição e escassez crescente do seu habitat preferido – os pinhais bravos de alto-fuste. Atendendo à grande perda de pinhal que se tem verificado nos últimos anos devido aos incêndios florestais e que em 2003 tiveram uma incidência particularmente grave, é provável que uma parte não desprezável da população indicada por Palma *et al.* (1999a) tenha sido directamente afectada.

Accipiter gentilis (Linnaeus, 1758)



aves

Açor



Em termos de estatuto de ameaça a nível da Europa, a espécie é considerada *Não Ameaçada*, embora se apresente em declínio em alguns países europeus (BirdLife International 2004).

Habitat

No sul de Portugal o açor encontra-se quase sempre nos barrancos arborizados de cursos de água, mas algumas zonas, como na Comporta, cria também em pinhal-bravo e terrenos planos. No centro e norte do país o principal habitat de nidificação do açor é composto por pinhais-bravos adultos e possuidores de árvores de grande porte, por bosques e bosquetes de folhosas autóctones (*e.g.* carvalhais maduros) e, por vezes, em eucaliptais. Circundantes às formações arbóreas onde nidifica, encontram-se terrenos abertos de mato, culturas agrícolas e pastagens (Rufino 1989, Pimenta & Santarém 1996, Silva 1998), onde tende a caçar perto das orlas. Evita as paisagens demasiado compartimentadas ou demasiado contínuas (Rufino 1989), mas em áreas predominantemente florestais, como a região de Mira ou o Pinhal de Leiria (onde a cobertura pinhal é superior a 85%), quantificaram-se ainda assim densidades de açor da ordem dos 4-5 casais (Petronilho 2001a) e 2-3 casais (Onofre *et al.* 1999) por 100 km².

Os incêndios florestais, mas também a sua reconversão para eucaliptal de curtas rotações, têm provocado um declínio acentuado do habitat principal do açor – o pinhal-bravo, em particular aquele constituído por arvoredo mais maduro, com 40-50 anos. De acordo



Accipiter gentilis (Linnaeus, 1758)

Açor

com as revisões do inventário florestal (DGF 2001), a área de pinheiro-bravo declinou, entre 1964 e 1995, em 323.000 ha. Este declínio em área tem continuado, sendo de realçar os 260.000 hectares de matas que terão sido destruídos em 2003, ano em que a área ardida foi 4 vezes superior à média anual verificada entre 1980 e 2004 (DGRF 2005).

Factores de Ameaça

Os incêndios florestais que destroem áreas mais ou menos vastas de pinhal e outro arvoredo maduro são a principal ameaça para o açor em Portugal. A par com este factor de destruição, a reconversão para eucaliptal de curta rotação das antigas manchas de pinhal das serras da região Centro limita grandemente a adequação do habitat para efeitos de nidificação. Com efeito, salvo alguns exemplares de grande porte, a maioria dos eucaliptos e em particular os das plantações florestais, devido ao tipo de inserção e à fragilidade dos seus ramos, não providenciam as melhores condições para o suporte de ninhos de grandes dimensões e aqueles que neles são construídos caem com alguma facilidade aquando de ventos mais fortes (González 2004, Onofre N dados não publicados). O corte de povoamentos ou árvores onde a espécie nidifica, a perseguição através do abate directo, destruição de ninhos e o roubo de crias são outros factores que afectam a população portuguesa.

Por se tratar de um predador essencialmente ornitófago, o açor é uma espécie potencialmente sensível aos efeitos dos pesticidas e metais pesados, que poderão afectar o sucesso reprodutivo. Por outro lado, sendo os pombos (nomeadamente o doméstico *Columba livia* var. *domestica*) uma presa muito frequente na sua dieta, como acontece na região de Mira (Petronilho & Vingada 2002), é provável que se verifique alguma morbilidade e mortalidade em resultado de Tricomoniase e Candidíase. Contudo, não existe informação suficiente sobre a incidência destes factores em Portugal.

Por se tratar de um predador essencialmente ornitófago, o açor é uma espécie potencialmente sensível aos efeitos dos pesticidas e metais pesados, que poderão afectar o sucesso reprodutivo. Por outro lado, sendo o pombo (nomeadamente o doméstico *Columba livia* var. *domestica*), uma presa muito frequente na sua dieta (Petronilho & Vingada 2002), é provável que se verifique alguma morbilidade e mortalidade em resultado de Tricomoniase e Candidíase na população portuguesa. Por exemplo, na região de

Mira, foram detectados juvenis no ninho infectados com Tricomoniase (J Petronilho, *com. pess.*).

Medidas de Conservação

As medidas de conservação para esta espécie prendem-se fundamentalmente com as políticas florestais de reordenamento, gestão e repovoamento florestal e de prevenção de incêndios. Importa promover espaços florestais diversificados, tanto ao nível dos cobertos arbóreos como de outros, e prevenir a ocorrência dos grandes incêndios florestais. Adicionalmente, o Manual de Boas Práticas Florestais deverá incorporar num futuro próximo medidas com vista à conservação das aves de rapina e do seu habitat, para além de outros valores naturais.

Deve ainda ser dinamizada a reforestação com folhosas naturais e a conservação dos bosques e bosquetes de carvalhos (puros ou mistos), através da sensibilização ao recurso generalizado às Medidas Agro-Ambientais apropriadas. A reconversão para eucaliptal das antigas áreas de pinhal deve ser desencorajada, não devendo a rearborização com pinheiro-bravo deixar de ser apoiada.

Devem ser desenvolvidas campanhas de educação ambiental junto aos proprietários e gestores florestais e cinegéticos, madeireiros, resineiros, com vista à sensibilização destes para a conservação das aves de rapina.

Importa ainda reforçar a fiscalização e tornar a aplicação da lei mais efectiva, relativamente às infracções e crimes contra a natureza e as aves de rapina em particular. Neste aspecto, não devem ser esquecidos a fiscalização e um controlo apertado sobre os animais comercializados e utilizados em cetraria, nomeadamente sobre as suas proveniências.

Urge realizar estudos sobre biologia e ecologia da espécie, que são praticamente inexistentes, e investigar sobre os níveis e efeitos de pesticidas e metais pesados. A semelhança das restantes espécies de rapinas florestais, é necessária a realização de censos ou programas de monitorização periódicos, de modo a avaliar e a seguir regularmente a população da espécie.